

17-04-2024

**CARTA A LUZIA, MINHA AVÓ****Ricardo Fernandes Gonçalves**

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

*Daqui de minha casa, do décimo segundo andar, enquanto escrevo esta carta, enxergo pela janela os prédios perfilados no bairro onde moro em Goiânia (GO). A visão diante de arranha-céus, luzes, sacadas de apartamentos, carros, avenidas e semáforos; barulhos de buzinas, motores de motos e sirenes de ambulâncias e viaturas é muito diferente do alumbramento daquela paisagem que eu e a senhora observávamos nas tardes da fazenda da Serra. Enquanto o sol desvanecia no horizonte, debruçávamos em uma das janelas do casarão para admirar o ondear da tarde. O fim do dia era festejado pelos pássaros, ronquejar dos porcos, cacarejo das seriemas, estridular das cigarras, ululação dos cachorros, moares das vacas e revoadas dos pássaros-pretos nos macaubaís. Em poucos minutos a escuridão envolvia os cômodos da casa e passávamos a ouvir apenas o sibilar do vento lá fora. Naquele tempo o vô voltava das roças de arroz, milho e feijão, plantadas nos terrenos da Taquara e do Capão da Onça, tarde da noite. Ficávamos sozinhos na imensa casa de assoalho, janelas, escadas e portas de tábuas de aroeiras. Com o fim do crepúsculo, me lembro quando ateava fogo no pavio de lamparina que iluminava a cozinha. Também acendia a lenha da fôrnalha e o fulgor chegava ao telhado. O vô divertia comigo projetando a sombra das mãos ao teto em forma de orelhas de cachorros. Não me esqueço da cozinha da casa da Serra, com as paredes pretas de fumaça e a fôrnalha onde desenhava tratorzinhos com giz feito de carvão. Ainda não conhecia a palavra escrita. A linguagem dos desenhos comunicava com o mundo rural onde vivíamos. Mas, para uma criança, o melhor naquele espaço era a escada com o corrimão escorregadio onde brincava com Carlos Antônio, que cresceu conosco, e meus primos Guilherme e Lena. Morar na casa da Serra marcou minha infância. A casa era toldada de histórias de assombrações que arrastavam correntes nos assoalhos e raspavam copos no pote d'água, feito de barro, que ficava disposto na mesa da cozinha. No quintal desfilávamos entre jabuticabeiras, laranjais e mangueiras aracá e coração de moça. O nosso quintal era, de fato, maior do que o mundo, como dizia o poeta Manoel de Barros. A casa da Serra foi o continente encantado de meus primeiros anos. Se lembra quando eu mordei vários queijos curados e falei para o vô que foi culpa dos ratos? Recordo também quando quase afoguei no córrego onde a senhora lavava roupas e fui salvo pelo tio Batazarim? O poço era fundo e não sabia, afundei como uma rocha arrolada do barranco. Próxima à casa, a gameleira frondosa estendia a sombra onde brincava. Foi nesse local que tiramos aquela foto que ainda guarda, na qual aparecem eu, a senhora e o vô com uma enxada ao lado, o tio Manoel, o Maurício, o Aender, o Cícero e os meninos Betim da Geralda e Denis da Nice. Ao lado da cerca, a roseira enfeitava a chegada dos visitantes pela porteira que dava acesso ao quintal e ao pé de laranja abril. A laranjeira era a dama do quintal. Mas, no período de frutos éramos proibidos de apanhá-los. O velho Bento, proprietário da fazenda da Serra, contava cada laranja e impedia que os trabalhadores e meninos colhessem os frutos. Sabíamos o quanto eram doces, contudo, eram como os frutos proibidos. Muitas vezes vimos as laranjas caírem podres no chão pedregoso. Se colhêssemos um fruto sequer, ficaríamos sujeitos à ameaça impolida do patrão, acostumado com a tradição de explorar agregados e meeiros. Naquele tempo, quando era um menino entre 3 e 5 anos, o nosso mundo se limitava à fazenda da Serra.*

*Vivíamos ao largo do que acontecia no Brasil, como a maioria dos roceiros do sertão mineiro. Não sabíamos também que a nova Constituição Federal havia sido aprovada e pela primeira vez, após quase 30 anos, novas eleições ocorreriam no país. O fazendeiro falava que tinha medo de comunistas arruaceiros roubarem suas terras. Não compreendíamos essas palavras estranhas e acreditávamos que suas terras eram intocáveis. Ele conhecia cada metro de cerca que rodeava as centenas de hectares. Saíamos da fazenda da Serra quando havia missa celebrada pelo padre Rui, diante da necessidade de comprar mantimentos na venda do Tonico ou levar sacos de arroz para limpar na máquina do Sivaldo em Santa Rosa. Às vezes íamos visitar os seus irmãos Gaspar, Rosa e Baltazar no Brejo dos Machados, onde a senhora nasceu e cresceu. Na despensa da casa, ao lado da cozinha, os cachos de banana prata maduros e dependurados faziam meus olhos brilharem. Quando dormíamos na casa de seus irmãos, achava divertido deitar na cama de colchão de palhas secas de espigas de milho. Qualquer movimento fazia um barulho medonho. Aquela imagem de Santo Onofre em um quadro encardido pela fumaça da fôrnalha também me deixava enleado. Interrogava o significado da figura cerdosa. Muitos anos depois descobri que se referia a um ermitão que viveu no antigo Egito do século IV e virou santo pela Igreja Católica. Quando não era período de chuvas, que iniciavam no mês de outubro, voltávamos do arraial de Santa Rosa para a fazenda da Serra tarde da noite. Diziam que devíamos ir à noite, pois no dia tinham que trabalhar. A labuta era interminável e talvez trabalho fosse a palavra que mais ouvi vocês pronunciarem. O percurso exigia atravessar o imenso chapadão de árvores tortuosas e folhas ásperas. Se chovia forte as águas do córrego Santa Rosa transbordavam e o curral da fazenda dos Abílios transformava-se em atoleiro. Nosso único meio de transporte era o cavalo Ziquinha. O vô sentava ao meio, a senhora na garupa e eu na cabeça do arreio. Parece que ainda hoje ouço o trote ecoado do Ziquinha trepidando no chão vermelho do chapadão. Também é nítida a lembrança dos cachorros Sheik e Baru serelepes à nossa frente. Eles aligeiravam e faziam festa, acuavam e latiam com bichos, pulavam nos poços dos córregos e corriam atrás de bezerras. O trote do cavalo adentrava o cerradão e o vô contava histórias antigas e apontava para as estrelas da constelação Cruzeiro do Sul, em forma de cruz. Apenas o clarão da lua, quando tinha, iluminava o percurso. A senhora gostava de rezar orações que aprendeu quando criança. Eu ficava com medo de não memorizar uma delas que tinha um trecho assim: “Quem souber e não ensinar / Quem escutar e não aprender / No dia do juízo muitos não de arrepender”. Naquele mundo de noites, dias e trabalho rude infundáveis, éramos forçados a recorrer às crendices do sertão. Em uma única noite de estrelas gordas no céu, o cavalo refugou e caímos próximos a um cipóal. Foi devido a esse tombo que a senhora feriu o ombro, mas eu e o vô levantamos ilesos. Voltamos para casa caminhando e puxando o Ziquinha pela corda do cabresto. Quando contamos o que aconteceu a história ganhou rumores distintos. Para alguns, o animal, que era manso e acostumado com aquela estrada, assustou com assombração; para outros, sobressaltou com algum bicho próprio do Cerrado, como tatu, coruja, tamanduá ou lobo. Depois desse evento deixamos de atravessar o chapadão à noite e o vô trocou o Ziquinha pelo Quebra-mola. Apeteço voltar a escrevê-la em breve. Na próxima carta, narrarei mais lembranças daquele tempo que morávamos na fazenda da Serra.*

*Mas, a verdade mesmo é que gostaria de revê-la, que me contasse mais detalhes de quando atravessávamos o chapadão que foi desmatado e hoje virou lavoura de soja. Quero que descreva as histórias que o vô narrava enquanto passávamos entre árvores, bichos e noite estrelada. Até breve!*

■ ■ ■

**OBS.** Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.